



**Eleições presidenciais na América
Latina em 2018 e ativismo político
de evangélicos conservadores**

*Ricardo Mariano
Dirceu André Gerardi*

resumo

Outrora interpretado como baluarte da modernidade cultural e econômica, o protestantismo, no início do século XX, formou cismas fundamentalistas e pentecostais que, posteriormente, sobrepuseram as vertentes liberais, difundiram-se pelo mundo e desaguaram na nova direita cristã. Na América Latina, onde já alcançam um quinto da população, grupos evangélicos transformaram o campo religioso, formaram bancadas parlamentares e partidos. Este artigo trata, de forma sumária, do ativismo político evangélico conservador nas eleições presidenciais em 2018 de Costa Rica, Colômbia, Venezuela, México e Brasil. Em defesa da “família” e da “vida”, lutam para conformar o ordenamento jurídico aos valores morais da “maioria cristã”, empreendendo cruzadas contra aborto, políticas igualitárias e anti-homofóbicas, educação sexual e a suposta doutrinação ideológica e de “gênero” nas escolas.

Palavras-chave: evangélicos; Brasil; América Latina; eleição presidencial; política.

abstract

Once viewed as a bulwark of cultural and economic modernity, Protestantism in the beginning of the 20th century led to fundamentalist and Pentecostal schisms which later overreached liberal strands, spread throughout the world and flowed into the new Christian right. In Latin America, where evangelical groups already account for a fifth of the population, they have transformed the religious field, and formed parliamentary caucuses and parties. This article deals briefly with the conservative evangelical political activism in the 2018 presidential elections in Costa Rica, Colombia, Venezuela, Mexico, and Brazil. In defense of “family” and “life”, they fight to conform the legal system to the moral values of the “Christian majority” by undertaking crusades against abortion, egalitarian and anti-homophobic policies, sexual education and a supposed ideological and “gender” indoctrination in schools.

Keywords: Evangelicals; Brazil; Latin America; presidential election; politics.

N

as últimas décadas, grupos evangélicos têm protagonizado cada vez mais o ativismo político cristão conservador na América Latina, em aliança, geralmente, com grupos católicos carismáticos, da Opus Dei, “pró-vida” e “pró-família”.

Em vários países latino-americanos, os evangélicos não só superaram a condição de minoria religiosa marginal como vêm conquistando crescente visibilidade pública, poder religioso, midiático e político¹. No caso do pentecostalismo, suas autoridades abandonaram o quietismo apolítico vigente até os anos 70 e investiram, sobretudo mas não só no Brasil, no lançamento de candidaturas oficiais, na realização de alianças e barganhas eleitorais, na ocupação e instrumentalização da política

partidária e eleitoral, na formação de bancadas parlamentares e de partidos. Passaram a demandar tratamento estatal privilegiado a suas igrejas e a tentar modelar o ordenamento jurídico às suas convicções bíblicas. Aos poucos, seus repertórios morais e projetos políticos alinhados com a direita cristã começaram a influenciar e delimitar a linguagem e os termos da agenda política e dos debates públicos sobre união civil de pessoas de mesmo sexo, aborto, direitos humanos, família, gênero, educação, laicidade, entre outros temas.

Peter Berger (2001, pp. 11 e 13) frisa que os “movimentos religiosos” que mais

RICARDO MARIANO é professor do Departamento de Sociologia da USP, pesquisador do CNPq e integrante, junto ao Cebrap, do projeto Temático Religião, Direito e Secularismo: a Reconfiguração do Repertório Cívico no Brasil Contemporâneo, financiado pela Fapesp.

DIRCEU ANDRÉ GERARDI é doutor em Ciências Sociais pela PUC-RS e integrante, junto ao Cebrap, do projeto Temático Religião, Direito e Secularismo: a Reconfiguração do Repertório Cívico no Brasil Contemporâneo, financiado pela Fapesp.

1 Em 2014, havia 120 milhões (19%) de evangélicos no continente, segundo dados do Pew Research Center (2014). No Brasil, somam cerca de 30%, dos quais 80% são pentecostais.

crecem atualmente – pentecostalismo e islamismo –, em oposição ao que apregoava a teoria da secularização, mantêm “crenças e práticas saturadas de sobrenaturalismo reacionário”, são os “conservadores, ortodoxos ou tradicionalistas”, os que “rejeitaram o *aggiornamento* à modernidade”. Ironia da história: o protestantismo, antes visto como promotor da modernidade cultural, dos valores liberais e do individualismo, derivou em grupos avessos à diversidade, ao pluralismo e aos direitos humanos.

A famosa tese de Weber (2004), em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, destaca as afinidades entre protestantismo ascético, vocação profissional, ascese intramundana, secularização e modernidade cultural e econômica. Sua análise das seitas protestantes norte-americanas enfatiza, igualmente, a adesão individual, voluntária e consciente à comunidade religiosa, a seleção e qualificação virtuosa dos conversos, o igualitarismo associativo da organização sectária em contraste com a de tipo igreja, bem como o cultivo da ascese no mundo e a responsabilidade individual pelo estado de graça (Weber, 1982, pp. 347-70).

Por séculos, a historiografia, a sociologia e a propaganda protestante vincularam o protestantismo aos valores da igualdade, liberdade e autonomia individual, à emergência do individualismo e às liberdades de pensamento, opinião e expressão. Tanto que, discorrendo sobre a inserção protestante na América Latina no fim dos anos 60, Emilio Willems (1967) e Christian Lalive D’Epinay (1970) realçaram, novamente, suas afinidades com modernidade, democracia, secularização, capitalismo, progresso, educação cívica e racional e virtudes éticas. Em seus trabalhos, o pentecostalismo não goza do prestí-

gio atribuído outrora ao protestantismo, nem nele se visualiza potencial modernizador. Para D’Epinay (1970, pp. 205 e 227), por exemplo, ele seria conservador, autoritário, alienado, omissivo, apegado ao exercício do poder autocrático oligárquico tipificado na figura do “pastor-patrão”.

Em contraste, David Martin (1990) avalia que o pentecostalismo desempenha, ao menos na América Latina, papel redentor, civilizador e modernizador; Virginia Garrard-Burnett (1993) advoga que a expansão pentecostal constitui reforma social, religiosa e política portadora dos mesmos efeitos modernizantes das seitas do protestantismo ascético anglo-saxão; David Lehmann (1996, p. 17) considera que, embora “fundamentalista”, o pentecostalismo age como “catalisador da modernidade” na região (Mariano, 2011). A percepção desse movimento como passaporte para a América Latina superar seus arcaísmos e subdesenvolvimento parece refletir mais preconceitos etnocêntricos sobre a região, sua população e sua religião dominante do que se basear numa análise empírica sobre as consequências da expansão evangélica em si, que não são poucas e dentre as quais se destacam a transformação do campo religioso e o ativismo político. Cumpre frisar que as relações de qualquer grupo religioso com a “modernidade”, mesmo dos mais conservadores, são complexas e ambíguas. Fato que se observa, igualmente, nas distintas correntes e agremiações islâmicas.

Pentecostalismo e fundamentalismo, a despeito dos antagonismos e diferenças entre si, são, segundo Mark Shibley (1998), “parentes” nos planos teológico e cultural e se formaram em reação ao liberalismo teológico protestante em fins do século XIX.

Desde o início, aferraram-se ao dogma da inerrância das escrituras sagradas, à interpretação literal e a-histórica da *Bíblia*, à crença no pré-milenarismo, ao conservadorismo teológico e político, à rejeição do evangelho social, da secularização e do secularismo. Nos anos 40, o movimento fundamentalista desdobrou-se no cisma *evangelical*, que, hoje, forma o maior segmento religioso dos Estados Unidos, encabeça a direita cristã e constitui uma das maiores bases sociais do Partido Republicano. Na América Latina, o pentecostalismo, vertente cristã que mais cresce no mundo, é seu principal representante.

O fato é que, desde o fim da Primeira Guerra Mundial, segundo Allan Lichtman (2008), grupos protestantes brancos norte-americanos lideram um conservadorismo avesso às forças pluralistas e cosmopolitas, que encaram como ameaças à identidade nacional, à civilização e aos valores cristãos tradicionais. Há um século, a tradição cristã antipluralista concentra-se na família, na defesa da autoridade masculina e do criacionismo, na contenção da sexualidade, da autonomia e dos direitos das mulheres, na oposição radical às demandas feministas (acusadas de corroer o patriarcado, afeminar os homens e masculinizar as mulheres), ao aborto, à homossexualidade, à educação sexual nas escolas. Esses grupos robusteceram a direita econômica com larga base social, códigos morais absolutos e forte apelo passional. Na luta pelo controle da moral privada e da vida pública, não titubearam em instrumentalizar o governo para desatar cruzadas contra adversários, defender valores cristãos e familiares como fundamento moral da nação e tentar impor padrões morais radicados em suas verdades bíblicas.

Na década de 70, a nova direita cristã emergiu e se reorganizou em grupos como Causa Cristã Americana, Foco na Família, Maioria Moral, Voz Cristã, Coalizão Cristã. Em reação às mudanças culturais, políticas e sociais dos anos 60, empenhou-se em reintroduzir valores cristãos na arena pública, incrementar o uso da mídia, a socialização religiosa de estudantes, a defesa da família contra o feminismo, o combate ao ensino da educação sexual e do darwinismo nas escolas, ao secularismo, ao aborto, à pornografia, à homossexualidade, ao humanismo secular e à dissolução dos costumes e da moral cristã (Kepel, 1991; Armstrong, 2001).

Na América Latina, seus irmãos e expoentes logo ingressaram na política e reforçaram as bases sociais e ideológicas da direita (Pierucci, 1989; Freston, 2008; Wyncarczyk, 2009; Cunha, Lopes & Leite, 2013; Guadalupe, 2017).

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS E EVANGÉLICOS NA AMÉRICA LATINA EM 2018

Seis países da América Latina realizaram eleições presidenciais em 2018: Costa Rica, Paraguai, Venezuela, Colômbia, México e Brasil. Apresentaremos relatos breves do ativismo político cristão conservador nesses pleitos, priorizando a eleição brasileira.

Na Costa Rica, cuja religião oficial é a católica, os evangélicos são 25% da população e atuam na política desde os anos 80. Em 2018, o debate sobre o casamento homossexual monopolizou a campanha eleitoral e polarizou a eleição presidencial, após a Corte Interamericana de Direitos Humanos, sediada em San José, em res-

posta à consulta do governo, ordenar ao Estado costarricense garantir aos casais de mesmo sexo os direitos concedidos aos heterossexuais, incluído o direito ao matrimônio².

O responsável pelo acirramento da polarização foi Fabricio Alvarado Munhoz, cantor gospel, apresentador de televisão do “Mundo Cristiano”, líder do Ministério Cristão Metamorfosis, membro da Iglesia Centro Mundial de Adoración e deputado do “bloco pró-vida” na Assembleia Nacional. Candidato à presidência pelo Partido Restauração Nacional (RN), fundado por um pastor, Munhoz disparou de 3% para 25% dos votos, após declarar a intenção de retirar a Costa Rica da Corte Interamericana de Direitos Humanos, na defesa do “matrimônio entre homem e mulher” e “a família como base da sociedade”³. Em aliança com a cúpula católica, politizou o repertório moral cristão conservador contra os direitos humanos. Após liderar a votação no primeiro turno, discursou em oposição aos “políticos tradicionais” e à educação sexual nas escolas: “Nunca mais se metam com a família! Nunca mais se metam com nossos filhos”.

O Tribunal Supremo de Eleições efetuou uma centena de denúncias contra o Partido de Restauração Nacional por invocações religiosas na propaganda eleitoral. Em reação à proibição da indução pastoral do voto dos fiéis, dirigentes da Aliança Evangélica

Costarricense acusaram os magistrados de impor “uma mordada à liberdade de expressão, à liberdade de culto e ao princípio de igualdade”⁴.

Munhoz disputou o segundo turno contra Carlos Alvarado Quesada, cientista político, romancista e ex-ministro do Trabalho, do Partido Ação Cidadã, de centro-esquerda. Entre os 13 candidatos, três dos quais evangélicos, Quesada foi o único que se posicionou a favor da união homossexual, além de defender o Estado laico, os direitos humanos e o respeito às diferenças. Superando o conservadorismo cristão, venceu a eleição para presidente da Costa Rica com mais de 60% dos votos.

No Paraguai, o candidato do Partido Colorado, ex-senador Mario Abdo Benítez, empresário do setor asfáltico, presidente do Congresso entre 2015 e 2016 e defensor da ditadura de Alfredo Stroessner, do qual seu pai foi secretário particular, venceu a eleição. Propôs a adoção de políticas econômicas liberais, recebeu apoio do empresariado e adotou posições conservadoras em matéria comportamental. Num país com 96% de cristãos, dos quais 7% de evangélicos, Marito, como é conhecido, posicionou-se contra a legalização do aborto e a união civil de pessoas de mesmo sexo no Paraguai, que, tal como Bolívia, Peru e Venezuela, proíbe a união homossexual e permite o aborto somente em caso de risco de morte materna. Para reduzir a insegurança e o consumo de drogas, propôs o serviço militar obrigatório para filhos de mães solteiras, o que tende a penalizar os mais pobres num

2 Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/corte-interamericana-de-direitos-humanos-defende-reconhecimento-de-casamento-gay.ghtml>. Acesso em: 25/5/2018.

3 Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/governista-carlos-alvarado-e-eleito-novo-presidente-da-costa-rica.ghtml>. Acesso em: 25/5/2018.

4 Disponível em: <https://www.nacion.com/el-pais/politica/fabricio-alvarado-la-fe-de-la-mano-de-la-politica/GZDFOXAARNFWHAWLWFOVS4GIL4/story>. Acesso em: 25/5/2018.

país com 26,4% da população abaixo da linha da pobreza.

A eleição presidencial na Venezuela, cujo resultado não foi reconhecido por vários países por desrespeitar o “processo democrático, livre, justo e transparente”, foi marcada por denúncias de fraude, abstenções recordes e boicote de parte da oposição. O país dispõe, segundo o Pew Research Center (2014, p. 14), de 17% de evangélicos e 73% católicos. Apesar de entrar em conflito com a hierarquia católica diversas vezes, o governo Chávez, ao mesmo tempo, conseguiu atrair padres católicos e pastores de setores populares (Smilde, 2012). Nos últimos anos, as devastadoras crises política e econômica afastaram os setores cristãos do governo.

Em fevereiro de 2018, Javier Bertucci, empresário e pastor da Igreja do Avivamento Maranatha, citado no escândalo dos papéis do Panamá⁵ e condenado à prisão domiciliar por seis meses em 2010 por contrabando, lançou-se candidato à presidência em oposição a Nicolás Maduro. E o fez durante um culto, no qual leu a *Bíblia* e disse que Deus prometera pôr fim às desgraças dos sofredores. Participe de programas religiosos na TV, líder do El Evangelio Cambia e candidato pelo Movimiento Esperanza por el Cambio, Bertucci apresentou-se como pregador e instrumento de Deus capaz de superar a crise política, a ruína econômica, a corrupção e a falência estatais, o militarismo e a violência⁶. Manipulando discurso

teológico da batalha espiritual, asseverou: “Eu represento o bem e a luz, venho para trazer valor cristão ao país. Sou a luz para este momento e, se sou a luz, alguém tem que ser as trevas ou o mal”⁷. Prometeu que, se ganhasse, implantaria cadeias dominicais de rádio e TV para apresentar a *Bíblia* aos venezuelanos, implantar “valores cristãos” e torná-los “cristãos devocionais”⁸. Apregoando a conversão cristã e a eleição de um cristão como panaceia para os problemas do país, recebeu 10,8% dos votos.

Na Colômbia, a campanha de oposição de evangélicos e católicos ao acordo de paz entre governo e Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) para pôr fim a 52 anos de conflito armado teve impacto decisivo na derrota do plebiscito em 2016. Eles rejeitaram o acordo em protesto contra a aprovação, meses antes, do matrimônio de pessoas de mesmo sexo pela Corte Constitucional da Colômbia e contra a distribuição pelo Ministério da Educação de cartilhas de orientação sexual que pregavam a tolerância às diferenças de gênero. Rejeitaram-no contra o que julgaram fator de desintegração da família, contra o aborto e contra o “ateísmo comunista” das Farc.

Durante a eleição, pesquisa da *Estrategia y Poder* revelou que 64,5% dos eleitores colombianos discordavam da adoção de crianças por casais de mesmo sexo, 57,3% se opunham ao matrimônio gay e

5 Disponível em: <http://efectococuyo.com/politica/cinco-claves-sobre-bertucci-pastor-evangelico-y-candidato-a-presidente-acusado-de-contrabando>. Acesso em: 25/5/2018.

6 Disponível em: <https://www.nytimes.com/es/2018/02/26/opinion-barrera-tyszka-venezuela-bertucci-maduro>. Acesso em: 25/5/2018.

7 Disponível em: http://www.el-nacional.com/noticias/politica/soy-luz-las-tinieblas-dice-pastor-que-quiere-destronar-maduro_224284. Acesso em: 25/5/2018.

8 Disponível em: <http://www.elcomercio.com/actualidad/pastor-panamapapers-presidencia-candidatura-venezuela.html>. Acesso em: 25/5/2018.

57% rechaçavam o aborto⁹. Nesse contexto, evangélicos, com 13% da população, acusaram o governo de Juan Manuel Santos de “inimigo da família”, de promover cartilhas para estimular a homossexualidade e a “ideologia de gênero” e de pretender instaurar um governo “ateu-comunista e homossexual”¹⁰.

Os evangélicos têm presença no Legislativo colombiano, mas se dividem em grupos políticos concorrentes¹¹. Os principais partidos evangélicos, Mira e Justa Libres, ultraconservadores, apoiaram a campanha de Iván Duque, direitista e uribista do Centro Democrático. Com 2% das intenções de voto, a senadora evangélica Viviane Morales, proponente do plebiscito contra a adoção de crianças por casais homossexuais, assinado por dois milhões de pessoas, abandonou a própria candidatura para apoiar Duque, que venceu a eleição com 54% dos votos.

No México, Andrés Manuel López Obrador, líder do Movimiento Regeneración Nacional (Morena), de esquerda, aliou-se ao evangélico Encontro Social, de direita. A agremiação se apresenta como “partido da família”, atua na Frente Nacional pela Família na Câmara Federal e, em 2016, juntou-se aos partidos Acción Nacional e Verde para impedir a inserção na Consti-

tuição do casamento homossexual, proposta por Enrique Peña Nieto (PRI). Ligados tradicionalmente ao PRI, os evangélicos, que somam 9% dos mexicanos, ampliaram alianças e veículos de atuação política.

Para atrair o eleitorado cristão conservador, já que, nas pesquisas, acolhia maior apoio entre quem não frequentava cultos e se identificava com a esquerda¹², o ex-prefeito da Cidade do México evitou se posicionar sobre aborto e casamento entre pessoas do mesmo sexo e propôs uma constituição moral ao país. Adotou agenda conciliadora, pragmática e populista, aproveitou a brecha aberta pela ruptura entre PRI e PAN, apresentou-se como candidato antissistema ao mesmo tempo em que ampliou ao máximo as alianças e prometeu acabar com a corrupção, a impunidade e a insegurança pública. Elegeu-se com 54,8% dos votos.

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL NO BRASIL: DIREITA CRISTÃ EVANGÉLICA E EXTREMA-DIREITA

Em 2018, findou a disputa petistas *versus* tucanos que estruturou as eleições presidenciais por duas décadas. Contribuíram para tal desfecho a conjuntura de crise econômica, a alta do desemprego, da pobreza e da desigualdade, a escalada de facções criminosas e homicídios, a Operação Lava Jato, o *impeachment*, a impopularidade do governo Temer (denunciado por corrupção

9 Disponível em: https://elpais.com/internacional/2018/01/19/colombia/1516321616_545958.html. Acesso em: 20/5/2018.

10 Disponível em: <https://es.panampost.com/angelo-florez/2017/08/29/evangelicos-en-colombia-se-lanzan-cruzada-electoral-por-la-presidencia/?cn-reloaded=1>. Acesso em: 20/6/2018.

11 Disponível em: <https://razonpublica.com/index.php/politica-y-gobierno-temas-27/10698-los-evang%C3%A9licos-y-las-elecciones-del-2018.html>. Acesso em: 20/5/2018.

12 Disponível em: https://elpais.com/internacional/2018/04/19/mexico/1524149466_563273.html?rel=mas. Acesso em: 15/5/2018.

e organização criminosa), o revigoramento da extrema-direita, o descrédito nas instituições políticas, a prisão de Lula e a difusão maciça de *fake news*, boatos e teorias conspiratórias nas redes sociais. Cada qual colaborou para acirrar a polarização política, recrudescer o antipetismo, ressuscitar velhos ranços e temores anticomunistas, produzir pânicos morais, radicalizar o repúdio à classe política e aos partidos tradicionais, desidratar as candidaturas de centro e centro-direita, tornar a disputa presidencial uma espécie de plebiscito sobre o PT e suas lideranças e ampliar espaços para a extrema-direita arregimentar grande parte dos votos antipetistas, anticorrupção e antissistema político.

A condenação de Lula em duas instâncias judiciais por corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do triplex e sua prisão em abril retiraram-no do páreo. E favoreceram Bolsonaro, que passou a liderar as pesquisas. Em reação, o PT investiu na estratégia de vitimização do ex-presidente e recorreu à via judicial para garantir-lhe a participação no pleito. Baseado na Lei da Ficha Limpa, o TSE proibiu-a em 1º de setembro. Dez dias depois, menos de um mês do primeiro turno, Fernando Haddad, advogado e cientista político, teve a candidatura lançada.

Com o avanço eleitoral do petista e de Bolsonaro, já em meados de setembro¹³, igrejas evangélicas tornaram-se bastiões antipetistas e pastores ocuparam as redes sociais para demonizar os governos petis-

13 Disponível em: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Setembro/tse-indefere-pedido-de-registro-de-candidatura-de-lula-a-presidencia-da-republica>. Acesso em: 5/11/2018.

tas, o PT e seu candidato. Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, apontou seu “canhão digital” contra o petista. Acusou-o de ser “autor do *kit gay*”, “essa cartilha do inferno para destruir nossas crianças”, e ao PT “de ser a favor de erotizar crianças em escolas”¹⁴.

No segundo turno, o Datafolha apontou que 70% dos votos válidos dos evangélicos iriam para Bolsonaro e somente 30% para o petista. Tal diferença, que permaneceu na casa dos 40 pontos percentuais, muito superior à de 7 pontos entre os católicos, decerto foi um dos principais fatores da vitória do candidato do PSL.

Líderes evangélicos apoiaram Bolsonaro, acima de tudo, por considerá-lo representante legítimo de seus valores e capaz de derrotar o inimigo petista e os perigos que lhe atribuíam: implantar o comunismo, perseguir os cristãos, abolir o direito dos pais de educar os filhos, reorientar a sexualidade das crianças, destruir a família. Robson Rodovalho, da Sara Nossa Terra, sumariza: Bolsonaro é o “único que empunhou a bandeira da vida, da família, da igreja, da livre economia, da escola sem partido e contra a ideologia de gênero”¹⁵. Malafaia repisa: é “o único que defende diretamente a ideologia da direita”¹⁶, “é a favor dos valores de família, é contra essa bandidagem de erotizar criança em

14 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RqIK5bHproU> e <https://www.youtube.com/watch?v=QskGBZmNGxQ&t=31s>. Acesso em: 4/11/2018

15 Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,bolsonaro-recebe-apoio-de-lideres-evangelicos,70002527014>. Acesso em: 5/11/2018.

16 O *Globo*, 18/3/2018. “Influenciador nas redes sociais, Silas Malafaia vai apoiar Bolsonaro com uso de canhão digital”.

escola, que toda a esquerda quer”¹⁷. Pastor Rina, da Bola de Neve, exalta: “É a primeira vez em todos esses anos que a gente tem um candidato de direita de verdade”, “pró-família”, “pró-Deus”, “pró-valores”, “pelos nossos princípios”, “favorável à igreja de Jesus”¹⁸.

O maciço apoio pastoral a Bolsonaro recrudescer o antipetismo evangélico. Contudo, tamanha clivagem político-ideológica não se deveu apenas a isso. Foi gestada por anos. A demonização evangélica do PT principiou na eleição presidencial de 1989 (Mariano & Pierucci, 1992), mas esmaeceu nos governos Lula. Reativou-se após o lançamento dos programas de combate à homofobia e do PLC 122/2006, que visava a criminalizá-la, e do PNDH-3, que propunha a descriminalização do aborto. As propostas impactaram a eleição de 2010, recheando os debates de temas morais (aborto e homofobia) e resultando na difusão de boatos persecutórios e antipetistas nas igrejas. Mas eles não impediram Dilma de angariar apoios de Edir Macedo, Marcelo Crivella, Manuel Ferreira, Marco Feliciano, Robson Rodovalho, Magno Malta, entre outros, obtidos sob a pressão de se comprometer a assegurar a legislação sobre o aborto e a liberdade evangélica de pregar contra a homossexualidade em caso de aprovação do projeto de criminalização da homofobia.

As boas relações, porém, desandaram já no primeiro ano do governo Dilma, acusado por Bolsonaro, evangélicos e católicos de promover o “*kit gay*”, tido como esquerdista,

diabólico, “apologia ao homossexualismo e à promiscuidade”, visando a homossexualizar crianças e destruir as famílias. Diante da ameaça das bancadas cristãs de obstruir votações no plenário e convocar Palocci para explicar a evolução de seu patrimônio, Dilma vetou a distribuição, pelo Ministério da Educação, do *Caderno Escola sem Homofobia* aos alunos dos ensinos fundamental e médio¹⁹. A partir de 2013, com a posse de Marco Feliciano (PSC/SP) na presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias, os confrontos entre deputados do PT e do PSOL e expoentes da bancada evangélica se intensificaram. E não recuaram. Em 2014, confrontaram-se nos debates sobre o Plano Nacional da Educação sobre a inclusão da promoção da igualdade de gênero e de orientação sexual, vetada pela bancada cristã. A partir daí, deputados evangélicos irromperam a propor projetos de lei para implantar o programa Escola sem Partido contra a suposta doutrinação marxista e comunista e de “ideologia de gênero” nas escolas. O antipetismo radicalizou-se ainda mais de 2015 em diante, quando o assembleiano Eduardo Cunha (PMDB/RJ) tornou-se presidente da Câmara Federal e, em seguida, comandou a abertura do processo de *impeachment*. Em nome de Deus e da família, a bancada evangélica selou de vez o antipetismo des-

17 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45829796>. Acesso em: 8/11/2018.

18 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ngcOz7-kr4U&t=728s>. Acesso em: 8/11/2018.

19 Observação: o *Caderno Escola sem Homofobia* foi organizado pelo projeto Escola sem Homofobia, que integrava o programa Brasil sem Homofobia. Esse material didático visava a combater a “discriminação por orientação sexual” e “desconstruir conceitos equivocados a respeito de identidade de gênero e orientação sexual”. Foi elaborado sob a supervisão da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), da Global Alliance for LGBT Education (Gale) e da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT).

tacando-se como a que mais votou a favor do *impeachment* (89%).

O capital político de Lula entre nordestinos, mulheres e estratos mais pobres e menos escolarizados levou o ex-prefeito de São Paulo ao segundo turno, momento em que o antipetismo já havia se imposto como vetor principal da definição do pleito.

Diante do risco iminente de derrota, o PT e seus dirigentes foram pressionados a corrigir rumos programáticos, tecer autocríticas e assumir erros relativos ao mensalão, aos vultosos caixas dois e à corrupção na Petrobras e noutros órgãos públicos, à desastrosa política econômica do governo Dilma e ao apoio a regimes ditatoriais de Cuba, Venezuela e Nicarágua. Foram instados, também, a se comprometer com a responsabilidade fiscal e a reforma da Previdência, a renegar a insistente narrativa sobre o “golpe” do *impeachment* e a advogar, de forma incisiva, o combate à corrupção e o apoio à popular Operação Lava Jato para angariar votos de parte do eleitorado de centro e a confiança de setores do “mercado”.

Haddad criticou o governo Dilma e os regimes autoritários, mas não se livrou dos estigmas associados ao partido. E ainda conservou a pecha de “poste” em razão da frase “Lula é Haddad”, da onipresença de Lula na propaganda de TV, das visitas ao padrinho na prisão e por citá-lo a todo instante. Rotulado de “tucano” e pouco estimado pela militância petista, encolerizou parte dos eleitores ao aventar, a contrapelo das decisões judiciais, conceder-lhe indulto.

O petista fez romaria por igrejas e junto a autoridades católicas, evangélicas e judaicas. Priorizou a aproximação com a religião hegemônica: realizou atos políticos em frente a catedrais católicas em Florianópolis,

Campinas e Rio de Janeiro; visitou a estátua de Padre Cícero em Juazeiro do Norte; encontrou-se com o arcebispo Dom Orani Tempesta na Arquidiocese do Rio de Janeiro e lhe entregou carta de compromisso em defesa da vida e da democracia, contra a corrupção e a violência. Ao lado da vice, participou de missa de celebração do Dia de Nossa Senhora Aparecida. Na saída, descreveu o rival como “o casamento do neoliberalismo desalmado representado por Paulo Guedes” e o “fundamentalismo charlatão do Edir Macedo”, afirmando que, “por trás dessa aliança”, estaria a “*auri sacra fames*”, a “fome de dinheiro”²⁰. Achincalhar Macedo e a Universal só fez reforçar o corporativismo e o antipetismo evangélicos.

Sob ataque, a 11 dias do segundo turno, Haddad reuniu-se com duas centenas de lideranças evangélicas e divulgou a “Carta Aberta ao Povo de Deus”, na qual se disse cristão, citou versículos bíblicos e suas realizações como prefeito e ministro da Educação, enfatizou o respeito dos governos petistas à laicidade, às liberdades e às igrejas. Denunciou ser vítima de “mentiras, preconceitos” religiosos e destacou os mais frequentes: “comunismo, ideologia de gênero, aborto, incesto, fechamento de igrejas, perseguição aos fiéis, proibição do culto”, “*kit gay*”, “taxação de templos”, “escolha de sexo pelas crianças”. Clamou a Deus por verdade e esperança. Aos eleitores, por justiça.

Na tentativa (frustrada) de amainar o antipetismo entre os evangélicos, a campanha petista, estrategicamente, alterou pontos do

20 Disponível em: <https://www.valor.com.br/politica/5966411/justica-manda-que-haddad-apague-video-envolvendo-edir-macedo>. Acesso em: 5/11/2018.

plano de governo: substituiu o trecho “políticas de promoção da orientação sexual e identidade de gênero” por “políticas de combate à discriminação em função da orientação sexual e identidade de gênero”. E suprimiu a proposta de descriminalizar as drogas²¹.

A disputa eleitoral contou também com três pentecostais: Marina Silva (Rede Solidariedade), missionária da Assembleia de Deus; Flávio Rocha (PRB), empresário e membro da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra; Cabo Daciolo (Patriota), bombeiro e pastor assembleiano. Marina defendeu a laicidade do Estado, antecipando acusações dos adversários, como o fizera em 2010 e 2014. Centrista, sem base e apoios de peso, sucumbiu ao *tsunami* da polarização política, amargando seu pior resultado: 1% dos votos. Pré-candidato, Rocha defendeu pautas da direita cristã: agenda moral ultra-conservadora, neoliberalismo e pró-armas, mas abandonou o pleito antes de formalizar a candidatura. Famoso pelo altissonante “glória a Deus”, pelo corporativismo militar e pela proposição da obrigatoriedade do estudo da *Bíblia* nos ensinos fundamental e médio, Daciolo protagonizou aparições folclóricas em debates na TV, vigílias de oração em montes e prometeu, se eleito, retirar os “*illuminati* e a maçonaria” do país. Obteve 1,7% dos votos.

Quem mais se beneficiou do apoio evangélico, como vimos, foi Jair Bolsonaro (PSL), capitão reformado e entusiasta da ditadura militar. Apesar dos sete mandatos de deputado federal, era um *outsider* do

“baixo clero”, o que se refletia na sua débil coligação entre PSL e PRTB. Tal condição e as declarações polêmicas contra direitos humanos, minorias, etc., paradoxalmente, lhe permitiram investir “contra tudo isso aí”, representar o candidato antissistema e, para muitos, a “renovação” da política.

Com apenas oito segundos na TV, priorizou a campanha nas redes sociais, mantida por eficiente batalhão de militantes e apoiadores, além de *bots*, memes, *fake news*. Dominou de cabo a rabo a disputa no campo da direita e não deu espaço para a ascensão de Alckmin (PSDB), Meirelles (MDB), Amoedo (Novo) e Dias (Podemos). Após receber apoio de Edir Macedo, ganhou tratamento especial na Rede Record. No dia 4 de outubro, por exemplo, a Record exibiu entrevista complacente com ele, enquanto a TV Globo transmitia debate com os demais candidatos.

O grave atentado à faca que sofreu em 6 de setembro assegurou-lhe extensa cobertura midiática e divulgação de suas ações, alianças e propostas. Ajudou, sobretudo, a “humanizá-lo” e lhe permitiu se esquivar dos debates posteriores. Havia comparecido a dois deles até então, nos quais não demonstrou bom desempenho. Daí em diante, “jogou parado”. Isto é, manteve-se nas redes sociais e jogou como bem quis. Deu certo: venceu o pleito pela vantagem de 11 milhões de votos, grande parte dela, se não toda, concedida pelos evangélicos.

Nas últimas legislaturas, ele, que tem esposa e filhos evangélicos, firmou sólida relação com a bancada evangélica e passou a integrar a tropa de choque cristã contra a criminalização da homofobia, a união civil de pessoas de mesmo sexo e em defesa da “cura *gay*”, dos estatutos do nascituro

21 Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1e16Zqs4v0XqzbfHVS9NNrppNwzLJE5x/view>. Acesso em: 5/10/2018.

e da família e do programa Escola sem Partido. Católico, martelou o lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e fez-se batizar no Rio Jordão pelo pastor Everaldo, líder do PSC, em maio de 2016. De pronto, difundiu o vídeo do batismo nas redes sociais, configurando mais um ato de campanha presidencial, que iniciara em 2015. Meses depois, em tom ameaçador, discursou: “Somos um país cristão. Deus acima de tudo. Não tem essa história, essa historinha de Estado laico, não. É Estado cristão. E quem for contra que se mude. Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar. As leis devem existir para defender as majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem”²².

“O *kit gay* foi uma catapulta na minha carreira política”, admitiu o capitão²³. Foi, sobretudo, uma estratégia muito bem orquestrada pela campanha bolsonarista e por seus aliados para criar pânico moral e repulsa à candidatura petista. O suposto “*kit gay*”, segundo pesquisa da FGV DAPP, realizada entre 22 de setembro e 21 de outubro, foi a segunda notícia mais compartilhada nas redes sociais. As interações sobre ele no Twitter e no Facebook mobilizaram 2,37 milhões de referências. *Posts* de usuários reprovavam a “estimulação precoce da sexualidade” e a “ideologia de gênero”. Os 177 vídeos no Youtube sobre o “*kit*” geraram 1,49 milhão de visualiza-

ções²⁴. Bolsonaro, seu filho Carlos (PSL/RJ) e Malafaia, conforme o Monitor do Debate Político no Meio Digital da USP, figuraram entre os que mais obtiveram engajamentos com o “*kit*”²⁵.

Isso, contudo, foi a ponta do *iceberg*, já que o WhatsApp, sem monitoramento, liderou a difusão de notícias falsas, incluindo a mamadeira erótica distribuída em creches pelo PT e as imagens de Haddad com brinquedo sexual do “*kit gay*” e a de Manuela D’Ávila, sua vice, vestindo camiseta com a estampa “Jesus é travesti”. A direita ganhou, disparado, essa peleja tóxica nas redes sociais. De todo modo, Bolsonaro foi objeto, também, de notícias falsas de cunho religioso, como as relativas à suposta intenção de trocar a cor da pele e o *status* da Padroeira Nossa Senhora Aparecida²⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ativismo político evangélico conservador tende a avançar na América Latina. Sua atuação nas eleições presidenciais revela o intento de restaurar uma ordem moral e social tradicional tida sob ataque de forças malignas. Suas lutas antigênero e antipluralista reproduzem repertórios morais e

22 Disponível em: <https://paraibaonline.com.br/2017/02/bolsonaro-discursa-em-campina-a-minoria-tem-que-se-curvar-para-a-maioria>. Acesso em: 8/11/2018.

23 Disponível em: <https://paraibaonline.com.br/2017/02/bolsonaro-discursa-em-campina-a-minoria-tem-que-se-curvar-para-a-maioria>. Acesso em: 8/11/2018.

24 Disponível em: <http://infograficos.estadao.com.br/politica/bolsonaro-um-fantasma-ronda-o-planalto>. Acesso em: 8/11/2018.

25 Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/17/politica/1539803187_851518.html#El-Pa%C3%ADs-Brasil

26 “Não é verdade que Bolsonaro propôs mudar representação de N. Sra. Aparecida”, in *Folha de S. Paulo*, 15/10/2018.

batalhas políticas da direita cristã e também do Vaticano, como a noção de “ideologia de gênero”, arma ideológica que se tornou onipresente nos pleitos e disputas parlamentares na região.

No Brasil, a polarização política recente colaborou para consolidar uma direita cristã. Antipetismo e antiesquerdismo passaram a nortear crescentemente posições políticas de líderes e deputados evangélicos, sobretudo a partir de 2013. Cada vez mais, passaram a se identificar como conservadores, a se aliar a grupos de direita, a atacar os direitos humanos, a educação sexual nas escolas, as políticas anti-homofóbicas...

Em “A ciência como vocação”, Weber (1993, pp. 48 e 51) assevera que nosso “destino é o de viver numa época indiferente a Deus e aos profetas” e que “o destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo ‘desencantamento do mundo’, levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais

sublimes”. Um século depois, a indiferença aos deuses não é desprezível, mas, de forma alguma, detém a hegemonia de mentes e corações. Pelo contrário. Qualquer que fosse a compreensão de Weber sobre os “valores supremos e mais sublimes”, o fato é que a “vida pública” – inclusive em seu núcleo político, partidário, eleitoral, legislativo, judiciário e estatal – tem sido permeada por “guerras culturais”, cruzadas morais, lutas intensas entre valores religiosos e seculares. Lutas turbinadas, agora, pela eficiência insidiosa de *fake news* e *bots* nas redes sociais, cada vez mais nocivas para a democracia. O “combate eterno que os deuses travam entre si”, nos termos da metáfora de Weber, definitivamente, não se circunscreveu à vida privada, à transcendência mística e às relações fraternais. Retomou ímpeto na esfera pública, pondo em jogo, inclusive, princípios sublimes da modernidade, como a laicidade, os direitos fundamentais, a liberdade de cátedra. Em nome da vida, da família e de Deus.

BIBLIOGRAFIA

- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- BERGER, Peter L. "A dessecularização do mundo: uma visão global", in *Religião & Sociedade*, vol. 21, n. 1. Rio de Janeiro, Iser, abr./2001, pp. 9-23.
- CUNHA, Christina Vital; LOPES, Paulo Victor Leite. *Religião e política. Uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil*. Rio de Janeiro, Heinrich Böll Stiftung/Iser, 2013.
- D'EPINAY, Christian Lalive. *O refúgio das massas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.
- FRESTON, Paul. (org). *Evangelical christianity and democracy in Latin America*. New York, Oxford Universtiy Press, 2008.
- GARRARD-BURNETT, Virginia. "Is this Latin America's reformation?", in David Stoll; Virginia Garrard-Burnett. *Rethinking protestantism in Latin America*. Philadelphia, Temple University Press, 1993, pp. 199-210.
- GUADALUPE, José Luis Pérez. *Entre Dios y el César. El impacto de los evangélicos em el Perú y América Latina*. Lima, Konrad-Adenauer-Stiftung e IESC, 2017.
- KEPEL, Gilles. *A revanche de Deus: cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo*. São Paulo, Siciliano, 1991.
- LEHMANN, David. *Struggle for the spirit: religious transformation and popular culture in Brazil and Latin America*. Oxford, Polity Press, 1996.
- LICHTMAN, Allan. J. *White protestant nation: the rise of the american conservative movement*. New York, Grove Press, 2008.
- MARIANO, Ricardo. "Crescimento pentecostal no Brasil: um balanço", in *Perspectiva Teológica*, ano 43, n. 119. Belo Horizonte, 2011, pp. 11-36.
- MARIANO, Ricardo; PIERUCCI, Antônio Flávio. "O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor", in *Novos Estudos*, 34. São Paulo, Cebrap, 1992, pp. 92-100.
- MARTIN, David. *Tongues of fire: the explosion of protestantism in Latin America*. Oxford, Blackwell, 1990.
- PEW RESEARCH CENTER. *Religion in Latin America: Widespread change in a historically catholic region*. Pew Research Center, 2014.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. "Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte", in *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais/Anpocs, 1989, pp. 104-32.
- SHIBLEY, Mark A. "Contemporary evangelicals: born-again and world affirming", in *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 558, 1998, pp. 67-87.
- SMILDE, David. "Religião e conflitos políticos na Venezuela: católicos e evangélicos frente ao governo de Hugo Chávez", in *Religião & Sociedade*, 32(2). Rio de Janeiro, 2012, pp. 13-28.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- _____. *A ciência e política: duas vocações*. São Paulo, Cultrix, 1993.
- _____. "As seitas protestantes e o espírito do capitalismo", in *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro, LTC, 1982.

WILLEMS, Emilio. *Followers of the new faith culture change and rise of protestantism in Brasil and Chile*. Nashville, Vanderbilt University Press, 1967.

WYNARCZYK, Hilario. *Ciudadanos de dos mundos. El movimiento evangélico en la vida pública argentina – 1980-2001*. Buenos Aires, Unsanm, 2009.